

Anno VI

Rio de Janeiro 17-2-1900

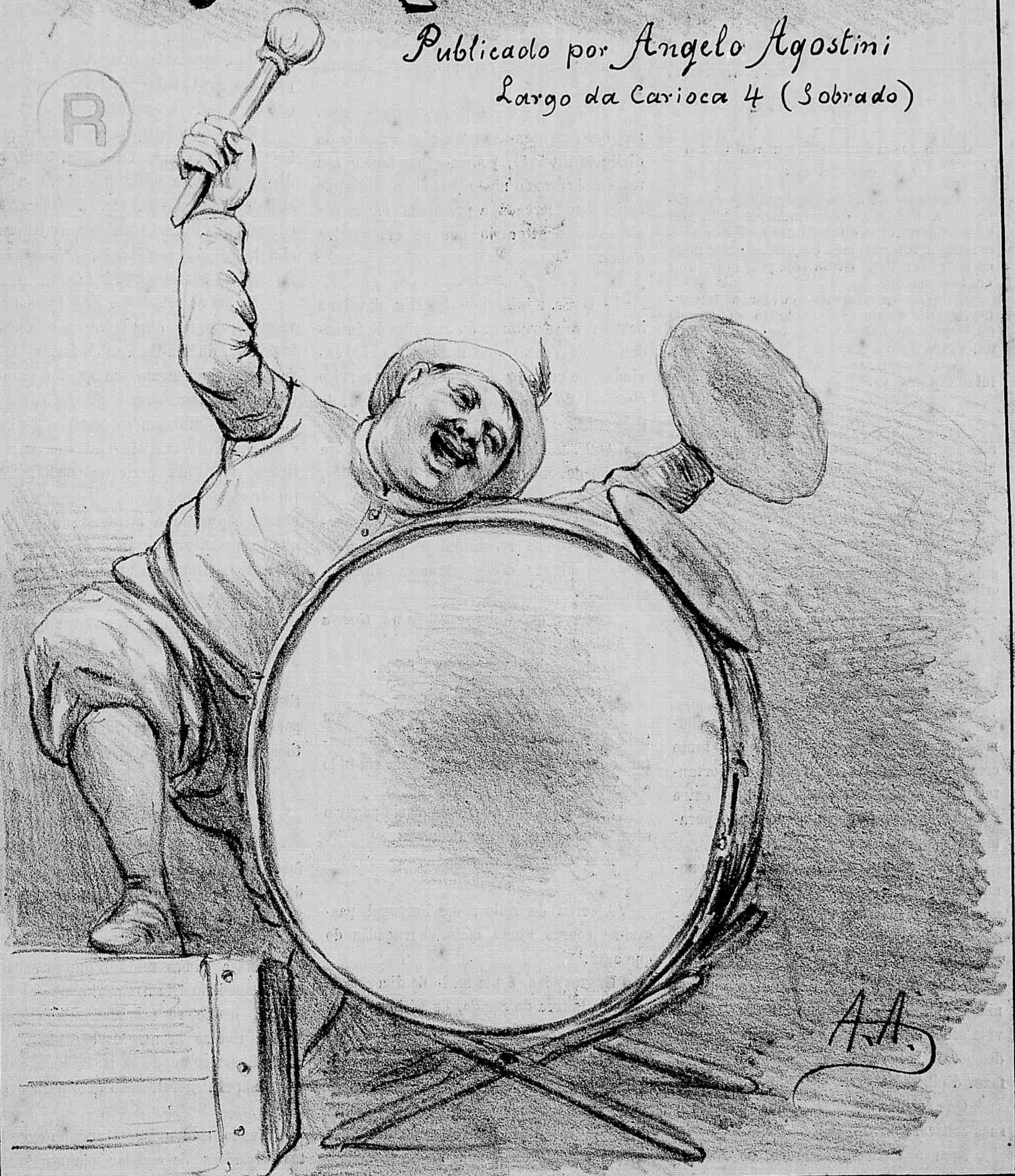
Nº 116



DON QUIXOTE

Publicado por Angelo Agostini
Largo da Carioca 4 (Sobrado)

R



A musica do presente. Na falta de assumpto e de espirito, Sancho
imita o espirito musical carnavalesco das nossas folgazonas e endiabradadas
sociedades.



O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1900

Escriptorio e Redacção

LARGO DA CARIOCA N.º 4

SOBRADO

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL	ESTADOS
Anno..... 25\$000	Anno..... 30\$000
Semestre.... 14\$000	Semestre.... 16\$000
NUMERO AVULSO 1\$000	

EXPEDIENTE

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E AOS QUE O QUEREM SER

Pedimos aos nossos assignantes dos Estados a bondade de mandarem reformar suas assignaturas, ou por intermedio de seus correspondentes n'esta Capital, ou por meio de carta registrada com vale postal do valor da assignatura.

Podem igualmente enviar a importancia da mesma em dinheiro dentro de uma carta, devendo ser esta registrada e com a declaração da importancia no enveloppe.

Aos assignantes d'esta Capital fazemos identico pedido.

Todas as pessoas que assignarem o nosso jornal receberão como premio alguns numeros que tratam das festas ao general Roca, por occasião de sua visita a esta Capital.

Toda correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini para o nosso escriptorio—Largo da Carioca n.º 4, sobrado.

NOTICIARIO

Logo no começo d'esta semana chamaou-nos a attenção a polemica um tanto crespa (infelizmente) entre dois importantes jornaes d'esta capital, ou antes entre seus directores, pois que a questão foi puramente pessoal.

Sendo assim, não podemos emitir nenhuma opinião; apenas diremos que a impressão que sentimos não foi das mais agradaveis...

E a razão é bem simples.

Si os que têm por dever dirigir a opinião publica em tudo que interessa nossa vida social ou politica, são os primeiros em desmoralizar-se, que conceito pôde o publico fazer d'elles?

Que credito merecerão seus escriptos e suas criticas?

Nem o Carlos Rodrigues, do *Jornal*, nem o Ruy Barbosa, d' *A Imprensa*, procede-

ram com o criterio que era de esperar de directores de jornaes.

Basta de odios pessoaes!

A roupa suja não se lava em publico.

Eva Canel acha-se actualmente em Santos, onde continua suas conferencias enthusiasmando seus auditores, que talvez nunca suppessem encontrar tanto talento, tanta philosophia, tanto conhecimento da humanidade, acompanhados de tão bellos conceitos, em uma mulhér que vale por não sei quantos homens escriptores dos mais talentosos.

Graças ao nosso collega Carqueja Fuentes, que entregou-nos uma photographia da distincta litterata, podemos dar hoje o seu retrato, honrando nosso jornal e deixando assim bem marcada a passagem entre nós d'esse astro litterario que se chama Eva Canel.

« O Sr. ministro do interior devolveu hontem á secretaria do conselho de intendencia as contas que lhe haviam sido enviadas, do custo de 900 livros para o serviço eleitoral do Districto Federal, no dia 31 de Dezembro.

O Sr. ministro pediu informações sobre o facto de, havendo apenas 234 secções, terem sido encommendados 900 livros.

Como já dissemos, os livros que sobraram acham-se recolhidos á Intendencia, tendo já alguns d'elles algumas folhas rubricadas.»

Lemos o que ali vae acima na *Gazeta de Notícias*.

O collega não commenta o facto.

Poderíamos estranhar isso.

Pois não estranhemos. A *Gazeta* tem toda a razão; já não se pôde mais commentar o descoco da nossa Intendencia em tudo e por tudo que faz.

Si eu fosse o ministro mandaria pagar o sermão por quem o encommendou.

E si não pagasse, rrua!...

A'cerca de sellos, em Portugal passam-se cousas ainda mais engracadas do que aqui.

Engraçadas é um modo de dizer, pois que pela leitura do *Seculo*, de Lisboa, vê-se que os emprezarios de theatros não lhes acham graça alguma, e como prova vejam:

« Realizou-se no salão do theatro da Trindade a reunião dos emprezarios de casas de espectaculos, achando-se presentes os Srs. Guilherme da Silveira, do theatro

D. Amelia; Affonso Taveira e Domingos Gouveia, do da Trindade; José Antonio do Valle, do theatro da Rua dos Condes; José Joaquim Pinto, do theatro do Gymnasio; Antonio Manuel dos Santos Junior, do Coliseu dos Recreios; Salvador Marques, do theatro da Avenida.

Tratava-sa da questão do sello nos bilhetes de spectaculos publicos, segundo a lei que vae ser posta em vigor e que obriga os emprezarios theatraes a sellarem todos os bilhetes á venda.

Os emprezarios trocaram as suas impressões, sendo todos unanimes em concordar que é impraticavel tal disposição.

Por este motivo resolveram reunir-se hoje pela uma hora da tarde, afim de se dirigirem á casa do Sr. presidente do conselho e exporem a S. Ex. a situação precaria a que ficarão reduzidas as empresas, si a lei não fôr modificada, pelo menos na formula da sua execução.

No fim da reunião, o Sr. Santos Junior, vendo presentes alguns representantes da imprensa, dirigi-lhes, sob a forma de um delicado cumprimento, um appello para que os jornaes tomassem a peito a causa dos emprezarios, affirmando que ella é justissima e que, a não serem attendidas as suas petições, terão de certo que fechar alguns theatros, não em signal de protesto, mas porque não poderão manter-se abertos, do que resultará uma grande crise para centenas de familias que vivem exclusivamente do theatro.»

E' provavel que o nosso ministro da fazenda não imitará o de Portugal.

A razão é que, não havendo sinão poucos theatros funcionando no Rio de Janeiro, pouco ou nada renderiam os taes sellos theatraes.

Isto de sello já é mania !

Os taes sellos é que têm dado que fazer e que fallar. Si não trazem os miolos do ministro da fazenda a arder, é porque S. Ex. os tem bem diversos do commun dos mortaes.

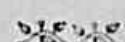
Nunca vimos tanta fraqueza em relação a essa industria nacional e official.

Si o que se tem dado na Casa da Moeda tivesse acontecido em alguma industria particular, de ha muito teria havido uma limpeza geral, indo tudo para o olho da rua.

Tendo tido o Dr. Murtinho excellentes occasões de mandar plantar batatas quem tem mais propensão para a agricultura

que para estampar sellos ou cunhar nicks, parece incrivel que nunca tenha aproveitado essas occasões, evitando d'este modo os graves prejuizos occasionados de ha muito tempo pelo deleixo, incuria, incapacidade e outras qualidades que em geral ornam os nossos directores e mais funcionários publicos.

O da Casa da Moeda terá tarracha?



Os industriaes e os commerçiantes já começam a comprehender que o Dr. Murtinho, nosso ministro da fazenda, não é tão feio nem tão cruel como o pintavam ha meses, distinguindo-se n'esse genero de pintura o illustre presidente da Associação Commercial Honorio Ribeiro.

Comprehendendo que não é com vina-gre que se apanham moscas, os interessados procuraram d'esta vez empregar o azeite, líquido muito mais apropriado para o bom andamento de todo mecanismo industrial, governativo e commercial.

Por isso vemos com a maior satisfação as diversas conferencias havidas com o ministro da fazenda, sobre a melhor e mais practica applicação dos impostos do consumo em relação aos sellos.



Tem se fallado muito estes dias sobre a venda da Estrada de Ferro Central.

Ella ainda está no seu lugar, como verifiquei ainda hontem.

Ninguem a carregou por ora e o tal syndicato inglez, francez, belga ou japonez não se apresentou por emquanto.

Tudo isso não passa de conversa fiada.

Admittindo, porém, que tal se désse, e que realmente um syndicato inglez, francez, belga, etc., quizesse mimosear-nos com alguns milhões de libras esterlinas...

Fallo no plural porque, como todos dizem *nossa* estrada de ferro, é de suppor que algumas libras cahirão no bolso de todos os respeitaveis patriotas, no numero dos quaes tenho a honra de me incluir.

Si porém esses milhões de libras são só para inglez ver, n'esse caso nós é que somos os inglezes, e a questão é outra.

Protesto com toda a força de meus pulmões contra a venda, e opporei toda a força de meus musculos em impedir que o estrangeiro a carregue d'aqui para fóra.

Si, porém, este contentar-se com deixal-a ficar em seu lugar, em augmental-a, conservar o seu pessoal, o bom—já se vê—o ruim pôde pol-o no olho da rua, e neste caso eu só não me opionho, como approvo plenamente.

E si pudesse do mesmo modo arrendar a Alfandega, o Correio, a Casa da Moeda, a Intendencia e tudo quanto necessita de boa administração, não hesitaria um instante, contanto que o paiz prosperasse, sahindo de uma vez da chronica e escandalosa apathia em que vivemos ha tantos annos, e o cambio voltasse ao par.

ESBOÇO HISTORICO DA CARNE VERDE

(Continuação)

Depois de varias reuniões de capitalistas, representantes de alguns bancos e pessoas habilitadas e praticas em negocio de gado, para tratarem da compra do contrato de abastecimento da carne verde a esta capital, constituiu-se uma nova firma.

N'esta não entrou, nem siquer como commanditario, o ex-Chefe reduzido a simples anspeçada, como já dissemos, apezar de sua insistencia em fazer parte da nova sociedade.

Ninguem queria saber d'elle; todos reconheciam que tal individuo era um perigo!

A' sua incapacidade mais que provada em todos os negocios em que se mettia, juntava pouca seriedade e a mais requintada ma fé, faltando, como um vilão, á sua palavra e aos mais serios compromissos.

A' vista de tão honrosos conceitos á sua pessoa, o ex-Chefe não teve remedio sinão conformar-se e receber a importancia da sua decima parte, que lhe foi paga generosissimamente á razão de 40 %, com o intuito de o consolar da perda total d'aquillo que outr'ora fôra quasi seu e que intitulâmos sua *cara-metada* no começo d'este resumo historico.

Apezar de se metter n'aquella bolada, mil e tantos contos!... nem por isso o ex-Chefe tratou de solver seus compromissos, preferindo fazer a mais triste das figuraz, e passar por um prégador de contos do vigario.

Pilhando-se assim armado com essa quantia, sua idéa immediata foi procurar todos os meios de hostilizar a nova sociedade que tão generosamente procedera com elle.

Sabendo que entre os socios da nova firma havia um typo chamado Hora..., cujo caracter pouco escrupuloso servia perfeitamente para os seus tenebrosos planos, propôz dar-lhe metade do capital com que este entrâra para a nova empreza e dividir os lucros a meio.

O principal fim do ex-Chefe não era

simplesmente associar-se com o tal Sr. Hora..., socio solidario da nova firma S. C. L. & C., era fazer d'elle o seu instrumento, o seu espião para saber do que se passava na empreza e, igualmente, um aliado para derribar esta, não hesitando empregar os meios mais torpes e indignos para alcançar seus fins.

O traidor Hora... não tardou a manobrar de modo a satisfazer o ex-Chefe e a prejudicar a propria empreza de que fazia parte.

Encarregado por esta da administração do matadouro de Santa Cruz, começou logo por despedir antigos empregados, substituindo-os por outros de sua particular confiança, com o fim de ter gente sua para as occasões oportunas.

Não satisfeito com isso, comprou milhares de bois, invadindo as attribuições de um outro socio especialmente encarregado d'essas compras, para o desgostar e obrigar a retirar-se.

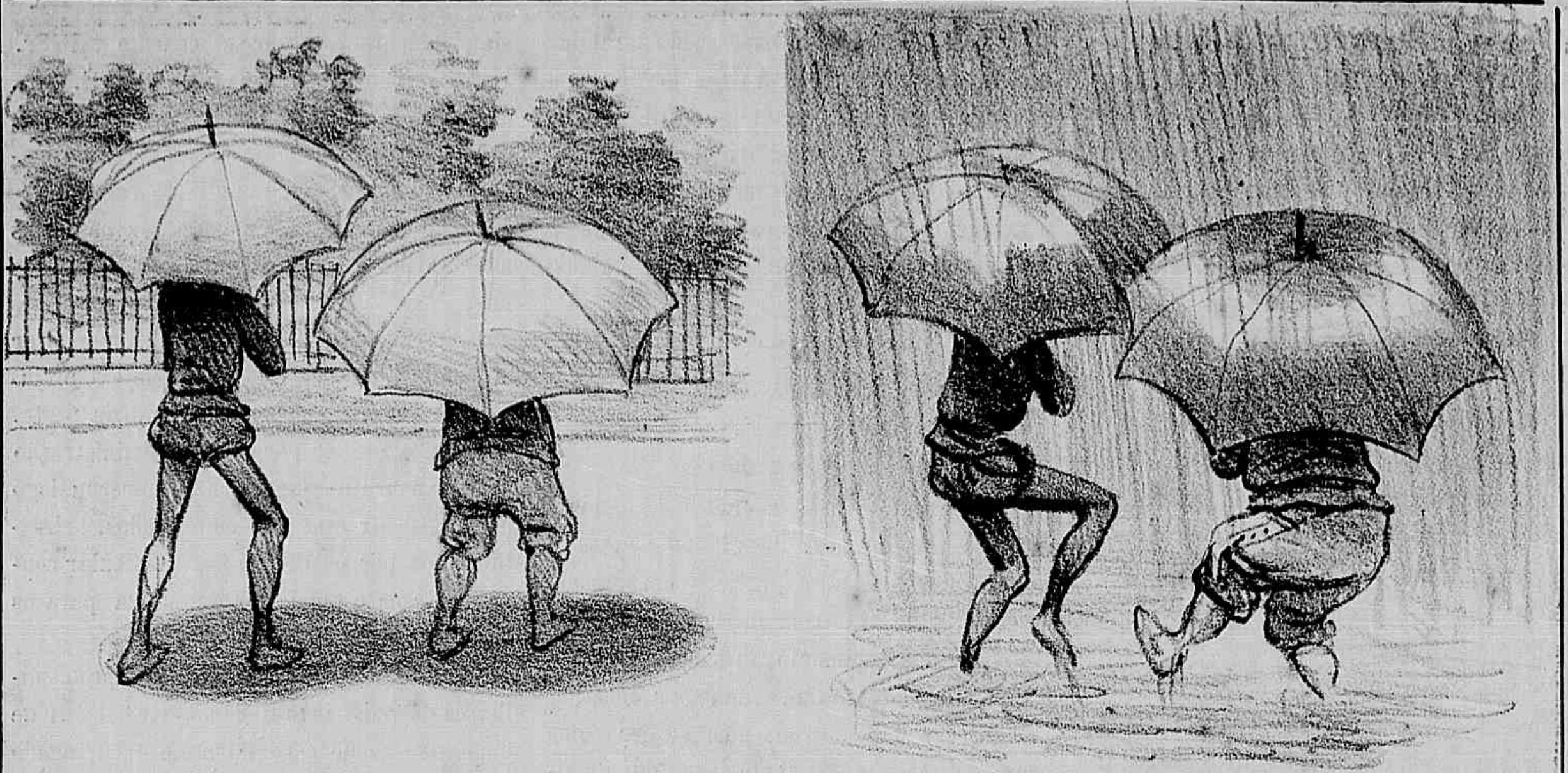
Depois de todos esses actos arbitrios praticados contra a expressa vontade de seus socios e igualmente contra uma clausula do contrato social que declara sómente validos os actos feitos de acordo com o gerente da empreza, o tal Sr. Hora..., dono do terreno em Santa Cruz, julgou-se um verdadeiro general e, escolhendo boa posição para suas baterias, preparou-se a fazer fogo contra a propria empreza de que fazia parte, dirigindo os tiros principalmente contra o cofre d'esta com o fim de matal-a.

Para conseguir isto o general Hora... comprou sem autorisação e sem necessidade mais de 7.000 bois, sendo a maior parte a commissarios, parentes e amigos e impongiu-os á empreza pelo preço que quiz, causando graves prejuizos a esta, que não teve remedio sinão sujeitar-se á imposição do infame traidor, para não faltar gado para o abastecimento da capital e sustentar o seu contrato com a Prefeitura.

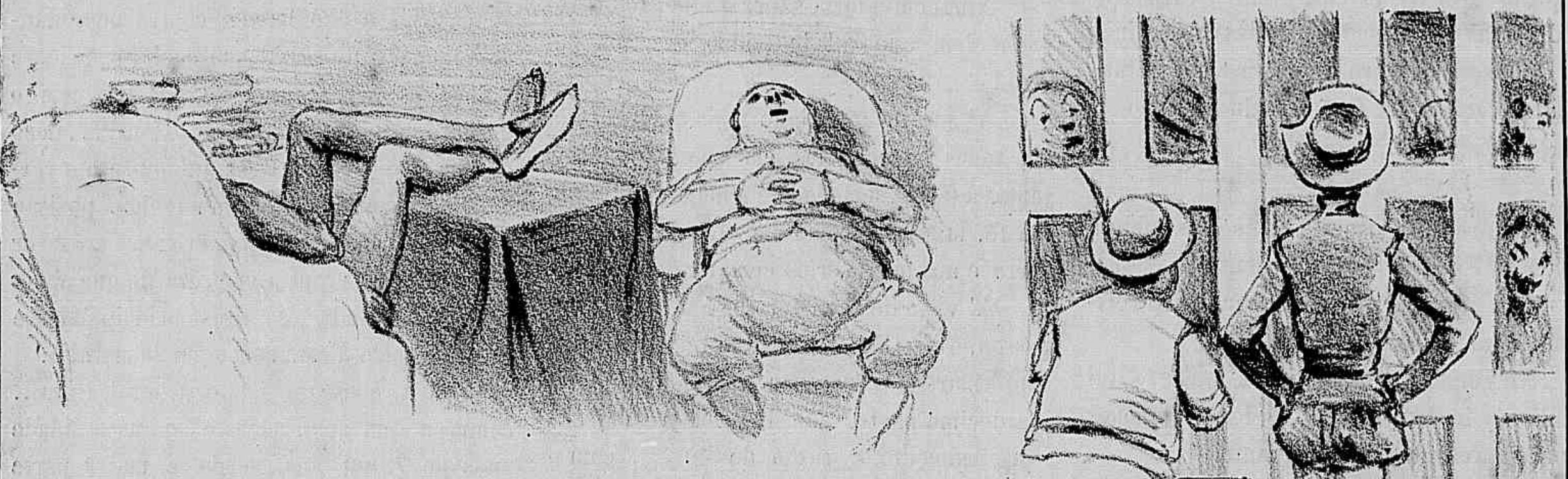
Encontrando-nos n'essa occasião com o Dr. Cesario Alvim, então prefeito, S. Ex. disse-nos: Pretenderam fazer uma grève para crear embaraços á empreza, mas comigo enganam-se. Ainda que esta não tenha, devido a essas manobras, o seu stock completo, nem por isso deixarei de sustentá-la, por ver n'ella homens sérios em luta com verdadeiros tratantes e pantomimeiros que pretendem prejudical-os.

Essas palavras do Dr. Cesario Alvim mostraram-nos que o ex-prefeito estava perfeitamente informado de todas as tramoias praticadas em Santa Cruz pelo tal Sr. Hora...

Desejamos que o actual prefeito, que passa por ser homem sério, recto e energi-

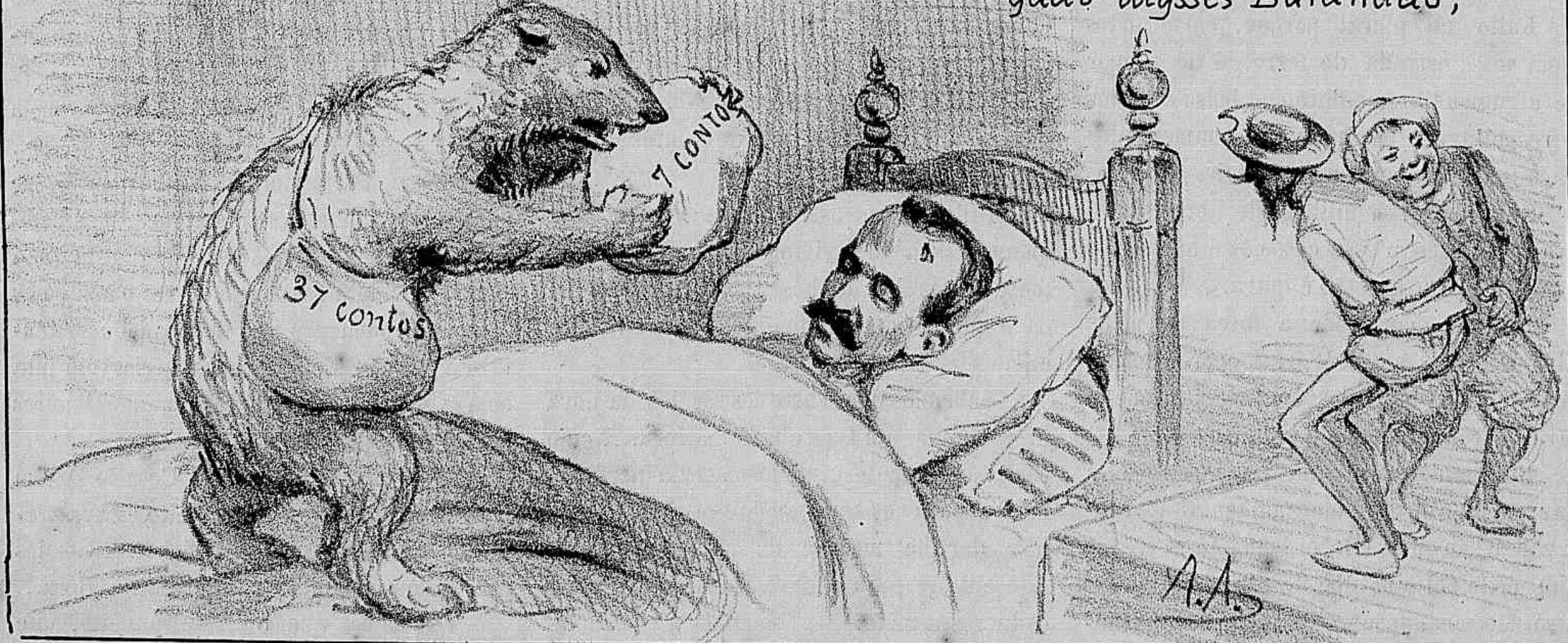


Apezar do tremendo calor e da chuva com
que temos sido obsequiados, não morremos de
insolação nem afogados.



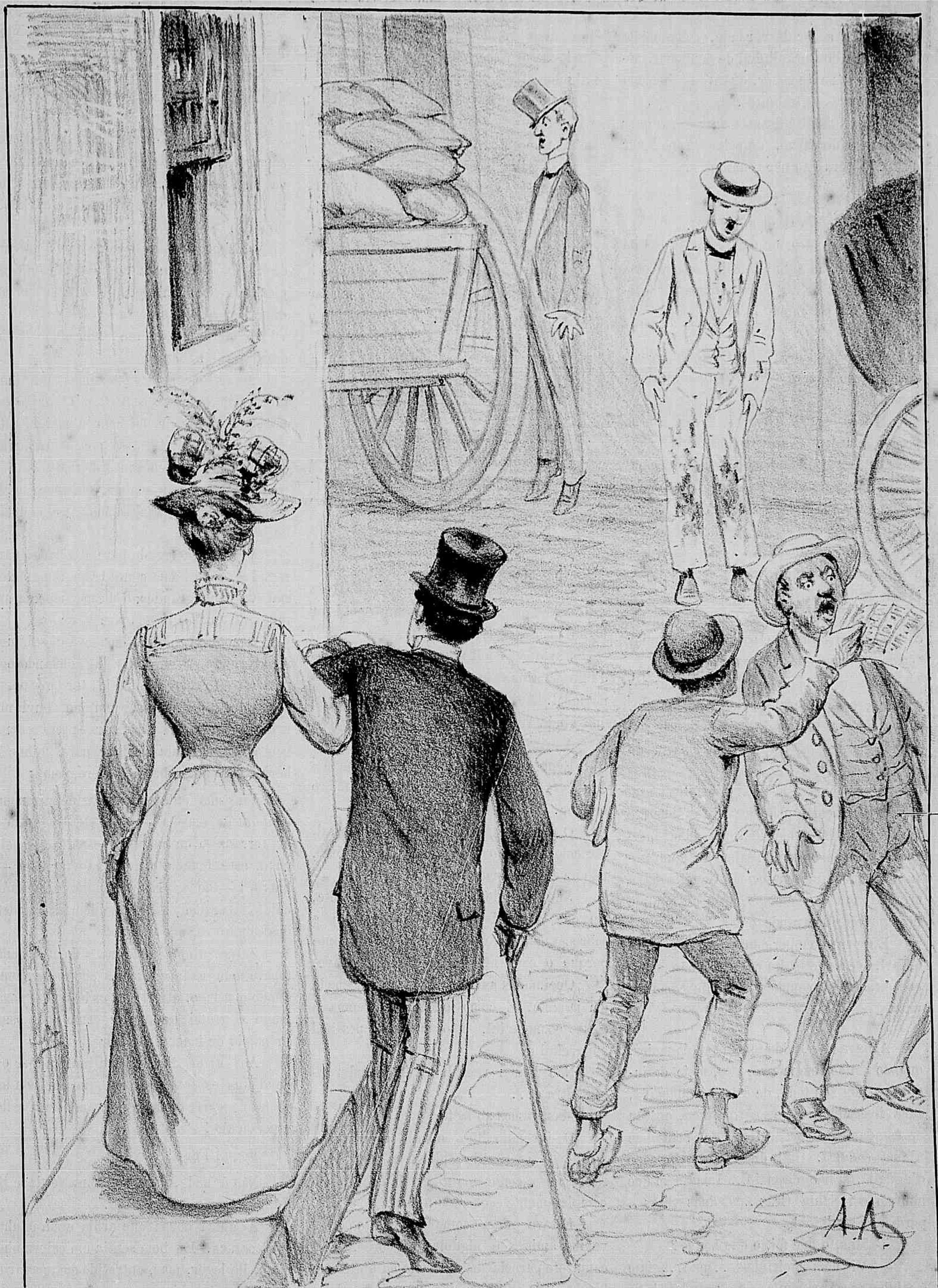
E continuamos no gozo da mais perfeita saúde

e da nossa plena liberdade,
pois indo ver o Xadrez, ainda
não nos vimos lá dentro, como
tanto deseja o celeberrimo advo-
gado Ulysses Baranidão,



que atirou, um dia desses, como bom amigo urso que é,
uma pedra pesando 7 kilos na cabeça do Ruy Barbosa,

no que achámos
imensa graça!



Nossas ruas !

co, procure saber da verdade, convencidos de que não lhe será difícil de conhecer, assim como seu antecessor, quae os homens serios e quae os tratantes.

Nossa missão é desmascarar estes, quer em negocio de carne, de peixe ou qualquer outro. E para isso não cochilamos.

Voltando aos trampolineiros...

E' nos fundos de uma casa da rua do Rosário, n'uma salinha meio escura, como convém a todos os conspiradores trapaceiros, que se reune o estado-maior dos ditos.

Ahi o ex-Chefe é o Chefe supremo. Ao seu lado sempre os dois amigos e conselheiros.

N'esse antro é que se forgam os planos de ataque contra a empreza.

O Hila..., ajudante de ordens do general Hora..., homem pequenino, nervoso, implacente e manhosso, mas muito mais habil e intelligente e que o tal general, é o encarregado de transmittir a este as ordens e os planos forgados pelo Chefe e seu estado-maior.

D'este tambem faz parte o tenente-coronel Karl, vulgo *Carrapato*, por andar sempre agarrado aos couros de bois.

Homem barbado e serio deixou-se, entretanto, completamente illudir pelo Chefe, supondo com toda a ingenuidade ser seu grande amigo e o primeiro homem do Brasil!

N'este ponto, justiça seja feita ao tal Chefe, ninguem á primeira vista sabe tão bem como elle embrulhar um cidadão, fazendo-lhe suppôr que realmente é um HOMEM! Aquelle ar sentencioso, aquella labia original fóra do commun, prende a gente e faz crêr ter elle grande valor.

E é por isso e por causa dos couros que o Karl, apezar de muito barbado e não menos conceituado no commercio, cahiu como um pato.

Achava-se reunido todo o estado-maior, quando um homem magro, alto, meio desingonçado em seu todo, de cabeça pequenina, cara insignificante e antipathica, enfrou apressadamente na salinha e sentou-se n'uma cadeira. Uff! disse elle. Um copo d'agua já, si não desmaio... Imaginem que hontem em Santa Cruz...por duas vezes... perdi...os sentidos!

— Mas, o que foi, o que houve?

— Vi dois meirinhos... que... iam á minha procura com... um mandato!...

— Meirinhos, mandato, isto é com-

migo, disse um dos chefes conselheiros do estado-maior, que pegou logo n'uma penna e algumas folhas de papel.

— Falle, general Hora..., disse o Chefe; era o famoso general de Santa Cruz que acabava de entrar.

— Tenha paciencia, disse o chefe conselheiro, isto é negocio que me compete e, lavantando a sua cara de lua cheia, ornada de dois queixos e quatro bellos bigodes, dois por baixo do nariz e dois por cima dos olhos, sendo estes grandes e expressivos, o conselheiro do estado-maior tomou um ar grave e todo judiciario e... começou o interrogatorio.

(Continua).

FURTADO COELHO

Falleceu Furtado Coelho!

Falleceu, não direi o grande actor, mas sim o mais distinto, o mais elegante, o de mais bom tom que pisou no nosso palco que melhor vestia uma casaca, que melhor sabia dizer uma phrase, que mais commovia e enthusiasmava o publico, pela sua correção em tudo e pela grande sympathia que conseguia conquistar logo á primeira vista.

Furtado Coelho morreu, mas antes d'elle já tinha morrido a arte dramatica nacional. Foi o ultimo ou um dos poucos que ainda restavam d'essa época brilhante.

A primeira vez que o vi foi em Santos.

Representava-se *A Dalila*. A principal dama era a Gabriella... já não me lembro o nome.

O successo que elle causou foi colossal, tão colossal que o theatro quasi pegou fogo, não de enthusiasmo, mas devéras.

Nunca hei de me esquecer d'essa noite, em que queimei as mãos levemente e a sobrecasaca gravemente; digo gravemente porque o caso não deixava de ser grave.

Queimadas as abas, ficou transformada em jaqueta, e, como eu não pertencia á classe commercial, não me era possivel aproveitá-la.

Não houve remedio sinão mandar fazer outra e...

Mas, vamos ao facto.

O incendio fóra devido a este seu criado e ao Emilio Zaluar, poeta e litterato muito conhecido n'aquelle época, mas completamente esquecido n'esta.

Estava n'um camarote com o poeta, varios amigos e algumas senhoras. Esse camarote parecia uma gondola ou antes um bonde, pois que hoje não ha mais gondolas nem omnibus para comparações.

Eramos pelo menos 12 pessoas apinhadas, enthusiasmadas e suadas.

O enthusiasmo do publico chegava ao delirio; varios ramalhetes foram atirados á scena, e mais outros e ainda mais.

As senhoras que se achavam em nosso camarote, desejando igualmente tomar parte na manifestação... Ah! si tivessem flores... disseram. Comprehendi e o Zaluar tambem.

Sahimos durante o entre-acto á procura de flores. Nem uma só! Hypothese completa! As que tinhamos visto eram dos jardins dos proprios espectadores.

Lembrei-me de um amigo que tinha um jardim e corremos.

A muito custo conseguimos que uma preta velha abrisse o portão. O amigo estava no theatro e foi com a maior dificuldade que obtivemos que a rapariga consentisse em apanharmos flores.

São para teu senhor, dissemos-lhe, e assim podemos arranjar uma meia duzia de bouquets.

Voltámos correndo para o theatro carregados cada um com tres ramalhetes sofrivelmente grandes, o que nos impedia um tanto de ver os nossos pés.

O acto já havia começado; subimos rapidamente as escadas e, enfiando-nos pelo estreito corredor que ia ter ao nosso camarote, topei não sei em que, ouvi um grito pavoroso, vi uma cara preta com a bocca escancarada a olhar para mim e a berrar: Santa Barbara, S. Jeronymo!

Virei-me então e vi atraz de mim uma chaleira de pernas —não— de bico para o ar, torradas com manteiga espalhadas pelo chão, este inundado de agua e tambem —horror!— de espirito de vinho incendiado cujas labaredas azues lambiam as paredes dos camarotes, que eram de taboas.

Zaluar tinha ido para a frente; nada topava nem nada vira, mas eu, comprehendendo o perigo, tirei com os bouquets para longe e tratei de apagar como pude esse principio de incendio.

Aos gritos da rapariga juntaram-se os de alguns espectadores que, ao abrirem as portas de seus camarotes, deram com o bello spectaculo!

Fogo! Fogo!

Não é nada, dizia eu, e na verdade já estava quasi todo apagado.

A unica cousa que ardia era a minha sobrecasaca. Eu bem sentia um calorzinho n'aquelle logar, mas, entretido em apagar o fogo, não percebia que eu é quem estava ardendo!

Um cidadão mais corajoso e meio bombeiro deu-me alguns valentes açoutes no logar em que as crianças travessas costumam apanhal-os, o que não me causou a menor indignação, não obstante já ter buço, por ver que esse acto de energia era em beneficio da minha pelle.

O publico apenas passou pelo susto e a boa ordem se restabeleceu no theatro.

Como o espetáculo ficou suspenso na occasião, eu fui, depois que me vi de todo apagado, ao camarim do grande artista.

O Furtado Coelho estava furioso!

Contou-me que o panico se déra justamente quando dizia: «Tudo chorava! Chorava a lyra! Choravam as cordas!...»

— E ardiam as abas da minha sobreca-saca! respondi-lhe no mesmo tom, mostrando-lhe o triste estado em que se achavam!

N'aquelle tempo, ha mais de 30 annos, as familias que iam ao theatro levavam não só suas cadeiras para os camarotes, como tambem tudo o que era necessario para fazer o chá, inclusive o moleque ou a mucama.

Das 10 horas em diante, em frente aos camarotes, chaleiras enfileiradas sobre fogareiros, louça, biscuits e torradas tomavam todo o logar nos corredores.

Afinal acabou-se este sistema, assim como tudo acaba n'este mundo.

Tambem acabou Furtado Coelho.

Mas, a lembrança de quem o conheceu, esta, nunca acabará!

A. A.

37 OU 44 CONTOS?

O celebre Dr. Ulysses Brandão, o tal advogado da S. Christovão, que mais celebre se tornou ainda depois da polemica occasiō-nada pelas «Varias» e «Gazetilha» do *Jornal*, anda, segundo nos informam, damnado de sua vida por ver a nossa perfeitamente tranquilla, apezar de todos os esforços que elle tem feito e ainda faz para tornal-a amargurada... Barbaro!

Haverá uns quinze dias mais ou menos, esse senhor mandou-nos um meirinho armado de uma citação que poz sob nossos olhos.

Já sabemos do que se trata, dissemos-lhe, sem olhar o tal papel.

Diga ao juiz que temos muito que fazer e não podemos perder tempo em ir a audiencias e aturar o Sr. Brandão.

E a este diga-lhe, da nossa parte, que não seja... amolador.

Isto elle é, disse o official de justiça, e retirou-se rindo.

Ora, o tal Sr. Brandão! Parece que não tem mais que fazer!

Antes nos enviasse um official sapateiro para nos tomar medida de um par de botas, o que é muito mais util.

Ao menos teríamos a occasião de mettel-as em alguem, e com certeza não nos esqueceríamos do amigo Brandão, como prova do nosso reconhecimento.

Mas, onde esse illustre satellite do Dr. Ruy Barbosa tem-se tornado celebre ultimamente, é nos negocios escandaloso-burlescos da C. S. Christovão.

Logo na primeira assembléa de accionistas, em Dezembro de 1899, elle provou, pela ardor com que tomou a defesa do ex-director-gerente demittido, que ao menos é grato a quem lhe pagou serviços judiciarios que... nunca prestou.

No que achamos estupendo o Ulysses é n'esta sua declaração feita nos «a pedidos» do *Jornal da Commercio* do dia 14:

«Entrei como advogado da Companhia pela porta larga e franca da contrato de 22 de Fevereiro de 1899, para trabalhar ao lado do mestre na qualidade de seu auxiliar de escriptorio», varrendo este, naturalmente, espanando os moveis, endireitando os papeis, etc.

Quando lemos *porta larga e franca*, júgamo que se referia á da cocheira da Companhia, mas nunca á de um contrato!

Jámais nos passou pela imaginação que um contrato podesse ter *porta larga e franca*!

Verdade é que este contrato com o Ulysses é *sui-generis*.

Folgamos, todavia, de ver què elle mesmo reconhece com a maior ingenuidade ter encontrado na tal porta grande *laugeza* e não menor *franqueza* em receber de papo para o ar e sem ter que fazer como advogado nada menos de 37 contécos!

Comprehendemos agora a razão do Dr. Ulysses achar *larga e franca* a tal porta.

Porém, essa quantia de 37 contos que confessa ter recebido, não concorda com a de 44 contos que a escripta da Companhia declara ter gasto com advogados...

Ha, portanto, uma diferença de sete contos. Quem os cemeu?

Que amigo urso! terá dito o Ruy...

O Sr. Dr. Ulysses Brandão sabe perfeitamente que não fomos nós.

Quem foi ou quem não foi, pouco importa.

O caso é que o felizardo Ulysses meteu no papo nada menos de 37 contos em menos de um anno, para, como diz o contrato, patrocinar e defender em qualquer

instancia e juizo (*d'isso é que elle precisa*) os direitos e interesses da Companhia.

Quasi temos vontade de propôr ao Ulysses trocar de officio comnosco.

Elle virá fazer o *D. Quixote* e nós iremos para o escriptorio do conselheiro Ruy Barbosa fazer de advogado.

Ao lado do grande mestre estamos convencido de que fariamos boa figura, tão boa ao menos como à que fez o Dr. Ulysses.

No que não cahiríamos é em chamal-o a juizo, si escrevesse ou desenhasse qualquer cousa allusiva á nossa pessoa.

N'este ponto temos um pouco mais de espirito do que o Dr. Ulysses Brandão dos 37 contos, advogado do Sr. H. Baptista, ou da Companhia S. Christotão.

NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

A DECADA REPUBLICANA, III volume.—
A Justiça, pelo conselheiro Cândido de Oliveira, *Eleições* pelo barão de Paranapiacaba.

Aproveitamos a occasião para reclamar o II volume que não nos mandaram.

Uma obra d'esta importancia não pode ficar incompleta. A nossa estante reclama em altos brados o volume que lhe falta.

GAZ ACETYLENO da Empreza Brasileira, pelo engenheiro Julio Keler—Folheto acompanhado de varias estampas e que deve ter o maior interesse para quem emprega essa excellente luz.

O REMO, n. 9—Este numero traz o retrato em phototypia do campeão Arnaldo Voigt, vestido a caracter e trazendo no peito uma taboleta de medalhas para dar e vender, mas que não as venderá nem dará a ninguem pois representam premios valentemente conquistados.

Parabens ao Arnaldo Voigt.

A BOHEMIA, n. 14—S. Paulo, Director José Piza. Jornal litterario ilustrado. Bons artigos, bom papel e nitida impressão.

MUSICAS

SCHERZANDO — J. Queiroz, dedicada a Mlle. Caroline Buschmann.

Editores Bevilacqua & C.

SCHERZANDO.—J. Queiroz, igualmente dedicada á mesma senhora.

Muito gosta de *scherzar* o illustre autor. Editores, os mesmos.

VIUVA CLARCK.—Comedia-revista de costumes de Arthur Azevedo; *Tango do jococa*—Costa Juuior.

Editores, os ditos ditos.

FELICITAÇÕES — Polka por Nicolino Milano. Brinde para 1900, oferecido aos seus freguezes pelos editores C. Carlos F. Wehrs.

A SUL AMERICA — Companhia Nacional de Seguros de Vida — Convite dos Srs. Hasselman e A. Darlot para assistir á oitava remissão de apolices, etc.

Si nos offerecessem algumas, é possivel que... etc.

CLUB EUTERPE — Concerto da Exma. maestrina D. Francisca Gonzaga, realizado no dia 10 do corrente.

ESTAMPA
RIO DE JANEIRO

